

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

ISABELA ROSSI RONCOLETA

A CAPACIDADE RACIONAL DO HOMEM E AS ARTES LIBERAIS DE *O TRIVIUM*:
REFLEXÕES SEGUNDO HUGO DE SAINT-VICTOR

MARINGÁ
2022

ISABELA ROSSI RONCOLETA

A CAPACIDADE RACIONAL DO HOMEM E AS ARTES LIBERAIS DE *O TRIVIUM*:
REFLEXÕES SEGUNDO HUGO DE SAINT-VICTOR

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de artigo, apresentado como requisito para a avaliação na disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso*, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá – *campus* sede.

Orientação: Professora Doutora Terezinha Oliveira.

MARINGÁ

2022

A CAPACIDADE RACIONAL DO HOMEM E AS ARTES LIBERAIS DE O TRIVIUM: REFLEXÕES SEGUNDO HUGO DE SAINT-VICTOR¹

THE RATIONAL CAPACITY OF MAN AND THE LIBERAL ARTS OF THE TRIVIUM: REFLECTIONS ACCORDING TO HUGO DE SAINT-VICTOR

Isabela Rossi Roncoleta²
Terezinha de Oliveira³

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi identificar possíveis aproximações entre as Artes Liberais do *Trivium* (Lógica, Gramática e Retórica) com a formação da terceira potência da alma humana apresentada por Hugo de Saint-Victor (2018) que está vinculada ao desenvolvimento intelectual. Assim, a pergunta que norteou o desenvolvimento desta pesquisa foi: Quais as relações entre as Artes Liberais do *Trivium* (Lógica, Gramática e Retórica) com a formação da terceira potência da alma humana explicada por Hugo de Saint-Victor? Além disso, relacionamos este desenvolvimento com o conceito de formação humana apresentado nos livros *Que é filosofar?* escrito por Josef Pieper (2014) e *Entre o Passado e o Futuro* de Hannah Arendt (2016). Nossa hipótese para essa pesquisa foi que há vínculos entre o desenvolvimento das artes liberais da mente (*O Trivium*, JOSEPH, 2008) com o pensamento racional dos homens. No percurso metodológico, nossa fundamentação esteve alinhada com a História Social, segundo Bloch (2001), em uma pesquisa dentro da historiografia da educação. Ao adentrarmos os resultados obtidos, compreendemos que a linguagem, em suas diferentes manifestações na vida humana, impacta na formação de um pensamento crítico, consciente, ativo e autônomo. Além disso, permite ao homem o entendimento de seu campo de relações com a sociedade, sua participação autônoma e ativa no processo de civilização e de construção da humanidade. Em conclusão, nas considerações finais, destacamos as contribuições explícitas na formação de professores e nas práticas pedagógicas, além das implícitas nas reflexões e análises particulares.

Palavras-chave: Hugo de Saint-Victor. *Trivium*. Educação Medieval.

ABSTRACT

The objective of this task was to identify possible approximations between the Liberal Arts of the Trivium (Logic, Grammar and Rhetoric) with the formation of the third power of the human soul presented by Hugo de Saint-Victor (2018). Thus, the question that

¹ Este artigo é o resultado da pesquisa apresentada para a disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso*, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), referente ao ano letivo de 2021 e está em consonância com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) 6022/2018.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – *campus sede*. Maringá, PR, Brasil. <isabelaroncoleta@hotmail.com>.

³ Professora Titular na Universidade Estadual de Maringá (UEM) junto ao Departamento de Fundamentos da Educação (DFE) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE), Maringá, PR, Brasil. <teleoliv@gmail.com>.

guided the development of this research was: What are the relationships between the Liberal Arts of the Trivium (Logic, Grammar and Rhetoric) with the formation of the power of the human soul explained by Hugo de Saint-Victor? Furthermore, we relate this development to the concept of human formation presented in the books “*Que é filosofar?*” written by Josef Pieper (2014) and “*Entre o Passado e o Futuro*” by Hannah Arendt (2016). Our hypothesis for this research was that there are links between the development of the liberal arts of the mind (O TRIVIUM, JOSEPH, 2008) with the rational thinking of men. In the methodological course, our foundation was aligned with Social History, according to Bloch (2001), in a research within the historiography of education. When we enter the results obtained, we understand that language, in its different manifestations in human life, impacts on the formation of critical, conscious, active and autonomous thinking. In addition, it allows man to understand his field of relations with society, his autonomous and active participation in the process of civilization and construction of humanity. In conclusion, in the final considerations, we highlight the explicit contributions in teacher training and pedagogical practices, in addition to those implicit in private reflections and analyses.

Keywords: Hugo de Saint-Victor. *Trivium*. Medieval Education.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi de identificar possíveis aproximações entre as Artes Liberais do *Trivium* (Lógica, Gramática e Retórica) com a formação da terceira⁴ potência da alma humana apresentada por Hugo de Saint-Victor. Neste sentido, a pergunta que norteou o desenvolvimento desta pesquisa foi: **Quais as relações entre as Artes Liberais do *Trivium* (Lógica, Gramática e Retórica) com a formação da terceira potência da alma humana explicada por Hugo de Saint-Victor?**

Assim, frente à capacidade racional do homem e do desenvolvimento da linguagem que permitem a formação dele – a aquisição de conhecimentos científicos e o desenvolvimento da educação – nosso trabalho refletiu, segundo leituras de Hugo de Saint-Victor (2018) – *Didascalicon: sobre a arte de ler* – e do entendimento do *trivium* apresentado na obra *O Trivium: As Artes Liberais da Lógica, da Gramática e da Retórica*⁵ (JOSEPH, 2008). Além disso, como explicita Perin e Santiago (2016),

⁴ A terceira potência da alma humana pertence ao conceito de tríplice potência da alma humana explicado por Hugo de Saint-Victor. Em síntese, engloba o ciclo de vida de todos seres vivos (basilar nas plantas), os cinco sentidos (enfocado nos animais) e nas capacidades de investigação, pensamento, sínteses, abstrações, dentre outras funções exclusivamente humanas que serão abordadas no desenvolvimento do texto.

⁵ A obra referida é originalmente datada de 1937 e compreende uma sistematização feita, no século XX, da base do ensino medieval que é o Trivium pela Miriam Joseph (1898-1982).

olhamos esses referenciais como possibilidades de compreendermos um determinado período, distinto do nosso, e orientarmos o presente.

Destarte, objetivamos relacionar estas obras com o conceito de formação humana apresentado nos livros *Que é filosofar?* escrito por Josef Pieper (2014) e *Entre o Passado e o Futuro* de Hannah Arendt (2016). Nossa hipótese para essa pesquisa foi que há vínculos entre o desenvolvimento das artes liberais da mente (*O Trivium*, JOSEPH, 2008) com a autonomia intelectual, ou seja, com o pensamento racional dos homens.

Adentramos ao contexto do autor referenciado, Hugo de Saint-Victor (1096 – 1141). Ele viveu na abadia/mosteiro de Saint-Victor, perto de Paris, na França. O mestre da Escola de Saint-Victor, segundo Campanhari (2018), foi um dos maiores teólogos da história, ao lado de Agostinho e Tomás de Aquino. A Abadia, ou a Escola de Saint-Victor, foi um centro intelectual e, neste espaço, dentro da vida religiosa, Hugo de Saint-Victor floresceu suas produções e estudos. (VIANA; OLIVEIRA, 2020).

Perin e Santiago (2016, p. 114) afirmam que o mestre vitorino, a partir de seus ensinamentos, proporcionou a propagação de conhecimentos tanto divinos, como éticos e morais, além do desenvolvimento de raciocínio lógico e “[...] cada qual contribuiu com seus saberes, deixando-nos um legado cultural, educacional, moral e religioso que se faz presente até os dias atuais”. Assim, para entendermos melhor a vida de Hugo de Saint-Victor foi necessário que assimilássemos o contexto do período estudado.

A obra *A civilização do Ocidente Medieval* (1982)⁶, do historiador Jacques Le Goff, apresenta-nos que, no decorrer do século XII, no Ocidente medieval houve um contexto específico da retomada da vida intelectual em decorrência de uma reorganização social – inclusive nas cidades e nos comércios. Em suas palavras: “A marca urbana não é menor no âmbito intelectual e artístico. Decerto o contexto monástico permanece no século XI e, em menor medida, no século XII, o mais favorável ao **desenvolvimento da cultura e da arte.**” (LE GOFF, 2016, p. 71, grifos nossos).

⁶ A obra originalmente francesa *La civilisation de l'Occident médiéval* foi escrita em 1982. Em nossa pesquisa utilizaremos a obra traduzida por Monica Stahel de 2016, assim, referenciaremos, ao longo do trabalho, esse livro como: Le Goff (2016).

À vista disso, Le Goff (1991) na obra *Mercadores e Banqueiros da Idade Média* explicita que foi a expansão da economia monetária que ocasionou a reorganização social e urbana. Assim, dentro da sociedade feudal também provocou novas necessidades nos homens. Isto ocorreu devido a um cenário de pacificação com o fim das invasões que propiciou, segundo Le Goff (1991, p. 07), uma “[...] a melhoria das condições de alimentação e das possibilidades de subsistência, [...] um incomparável surto demográfico que fornece à cristandade consumidores, produtores, uma mão-de-obra, um reservatório onde o comércio vai buscar os seus homens”. E, assim, a sociedade buscou também um conhecimento intelectual, como a leitura, a escrita e o cálculo para este tempo de novas atividades econômicas e organizacionais.

Esse movimento da sociedade, no século XII, influenciou e culminou em avanços intelectuais na divulgação de tradução de obras no século XIII. Oliveira, Mendes e Santin (2016, p. 245) expõem o trabalho de tradução e difusão de obras, como exemplo, das obras aristotélicas “[...] cujo estudo seria no século XIII, uma das pedras angulares das Universidades e do momento áureo da Escolástica”.

Assim, a educação contribuiu para atender as necessidades sociais emergentes daquele período histórico, propiciando mudanças que acompanhavam as transformações ali germinadas, e, então, as demandas educativas do século XII e XIII, no Ocidente Medieval.

No medievo, esse caminho intelectual, ou seja, o percurso de estudo, foi proposto por um currículo basilar para os estudantes que compuseram o *trivium* e o *quadrivium*, ou seja, os estudos das Sete Artes Liberais. Os primeiros passos da vida escolar compreendiam na aprendizagem dos componentes da Lógica, Gramática e Retórica (*trivium*) e da Aritmética, Geometria, Música e Cosmologia (*quadrivium*⁷).

Esse estudo acontecia, em média, dos quatorze aos vinte anos de idade e se o estudante desejasse adentrar na educação liberal superior (exemplos: teologia, direito canônico e medicina) do século XIII, seria possível após ter percorrido essa trajetória. Portanto, o *trivium* e o *quadrivium* são cernes para o entendimento da educação no Ocidente medieval.

⁷ O *Quadrivium* compõe a formação humana a partir do concreto das Ciências Naturais, como a física e aritmética, neste sentido, o estudo do Quaternário da Alma pelas artes liberais dessa obra são essenciais para a compreensão da formação integral humana. Ainda diante da importância do *Quadrivium*, neste estudo, optamos por aprofundarmo-nos na linguagem a partir do estudo do *Trivium*.

No prefácio do livro *O Trivium*⁸, escrito pela Irmã Miriam Joseph (1898-1982), o professor José Monir Nasser salientou o significado da palavra ‘liberais’ das artes referidas, pois, no medievo, esses estudos eram direcionados aos homens ‘livres’. Já, por exemplo, os homens que trabalhavam com artesanatos ou construções civis entendiam das artes mecânicas, próprias da parte pragmática da vida. De acordo com Nasser (2008), as artes liberais dizem respeito ao aprofundamento livre da intelectualidade do homem. Em outras palavras, com o domínio das artes liberais tem-se a autonomia intelectual, ou ainda, uma compreensão atuante da realidade de seu estudos e condições sociais.

Face a explicação, neste estudo, interessou-nos compreender a relevância da linguagem e percebemos que em seus atributos de ler, redigir, falar e interpretar, ela é uma exclusividade da espécie humana. Desse modo, observamos que as artes liberais, presentes em *O Trivium* (JOSEPH, 2008), estariam relacionadas a todos os níveis de educação porque são artes ligadas à comunicação, à interação e aos registros do conhecimento científico produzido, ao longo da história, pelos homens (leitura, redação, fala e audição), por isso, em nosso desenvolvimento, temos uma sessão para apresentar esta questão central.

Destarte, esta pesquisa, dentro da História Medieval, alinhou-se em sistematizar e integralizar um conhecimento que se mantém perene no decorrer da história e que buscou propor uma educação para a liberdade intelectual – similar a um objetivo contemporâneo. Assim, este estudo contribuiu na sistematização histórica de uma relação pedagógica: pedagógica porque este estudo investigou a capacidade do desenvolvimento da linguagem e do pensamento e histórico porque buscou fontes nas artes da comunicação, do pensamento e do simbolismo e partindo da natureza inicial da escola, como expõe Durkheim (1982) de sua célula primitiva.⁹

⁸ Esta obra foi escrita pela Irmã Miriam Joseph, pois, em seu doutorado, na Universidade de Columbia, a autora estudou William Shakespeare compreendendo o quanto o domínio, por ele, das três artes da linguagem favoreceu o seu desenvolvimento e a escrita de suas obras na dramaturgia. Joseph (2008), membro da Congregação das Irmãs de Santa Cruz, notou os benefícios de Shakespeare ter sido educado nas artes do *trivium* e apresentou os contrapontos dos estudantes modernos que não tiveram acesso ao *trivium*. Por isso, ela recuperou este estudo do *trivium* e, por vinte e cinco anos lecionou um curso para tratar das três artes da linguagem em *Saint Mary's College* – uma universidade estadunidense na qual Miriam Joseph foi professora de inglês.

⁹ Neste texto Durkheim (1982) discorre que a célula primitiva do nosso sistema de ensino é constituída pelas escolas catedrais e claustrais que surgiram no medievo – período do *trivium*

A pesquisa teve caráter qualitativo e bibliográfico, segundo Gil (2017), assim a definimos como qualitativa pelos resultados serem vistos em descrições verbais, análises e interpretações e bibliográfica porque nossas fontes de estudo foram, exclusivamente, bibliográficas, sendo as referências principais: *Didascalicon: sobre a arte de ler* de Hugo de Saint-Victor (2018) e *O Trivium* (JOSEPH, 2008). Além disso, dialogamos com outros autores como Hannah Arendt e Joseph Pieper, acerca da questão central que mapeou nosso estudo.

Em vista disso, quando estudamos a metodologia de uma pesquisa filosófica e suas contribuições, encontramos em Henning (2007, p. 24) a concepção que nos representa:

Quando investigamos à luz do saber científico, nossa lida se efetiva como um instrumental teórico e conceptual elaborado pelo pensamento humano, suas idéias, doutrinas; pelas relações entre os conceitos e a sua clareza; pelas exigências lógicas necessárias a este trabalho. Da mesma forma, a Filosofia ocupa-se das experiências existenciais, dos sentidos e significados que o homem confere ao seu entorno, problemas e fatos. Busca ainda apreender e compreender as finalidades humanas, a racionalidade e o conhecimento resultante do seu trabalho intelectual, sua ânsia por verdade, certeza e evidências. [...]. Enfim, Filosofia interessa-se por todo o substrato teórico que nos mobiliza diante das inquietações do mundo e que permite deflagrarmos ações compreensivas diante da vida.

Com essa citação, temos uma síntese das abrangências da investigação dentro da Filosofia e que ela se ocupa do saber científico para além dos aspectos concretos, como as ciências naturais, pois, mobiliza o trabalho intelectual humano; sua capacidade de pensar.

Ademais em relação aos princípios teóricos norteadores da pesquisa, baseamo-nos na História Social, com especial atenção para a obra *Apologia da História ou O ofício do historiador*¹⁰ de Marc Bloch (2001).

e do *quadrivium*. Nas palavras do autor “Por isso, os monges não foram simples solitários meditadores, mas sim activos propagadores da fé, pregadores, conversores, missionários. E por isso, ao lado da maioria dos mosteiros, constituiu-se uma **escola** [...]” (DURKHEIM, 1982, p. 100, grifos nossos).

¹⁰ Na apresentação do livro de Marc Bloch, *Apologia da História ou O ofício do Historiador*, compreendemos o contexto de escrita de Marc Bloch e seu conceito de história, para ele a história não é a ciência do passado e nem a ciência do homem. Ele a entende como a ciência dos homens no tempo. Esta obra ficou inacabada devido sua morte pelos nazistas em 1944, todavia, é nele que tem a organização de seus conceitos, estudos e ideias. Bloch (2001) ao lado de Lucien Febvre fundaram a Escola de *Annales* com um novo conceito de historiografia.

A História Social permeia o estudo dos clássicos e, sobre isto, de acordo com Viana (2019, p. 25), “[...] os clássicos atuam na formação de professores, isto é, de que os escritos dos autores estudados propiciam ensinamentos relevantes à formação humana e intelectual, independentemente da época em que a obra e o autor estão situados”. Assim, compreendemos o passado sempre direcionando nosso olhar a educação – formação humana e intelectual – de nosso presente. Também, Boveto e Oliveira (2015, p. 29912) destacam que ao olhar esse referencial teórico, compreendemos que “A história assume, assim, um papel mais amplo, relativo à compreensão da evolução do homem e do desenvolvimento das estruturas, sistemas e ideias”. Nesta citação, encontramos um dos nexos que norteiam o olhar pedagógico dentro da nossa pesquisa que recorre à história na Idade Média para compreender a capacidade racional do homem em *Hugo de Saint-Victor*.

Entendemos que o percurso histórico não é feito de rupturas com os dias atuais, mas que compreende uma tradição de conhecimentos, conceitos e ideias – que com sequencialidades e contradições – formam a história da educação e da humanidade. Dentro da ciência pedagógica esse olhar abrangente é permitido pela história de longa duração, este conceito apreendemos em Bloch (2001).

Em termos de escala temporal, Bloch (2001) analisava os acontecimentos da sociedade, a partir da noção de temporalidade, neste sentido, a longa duração ultrapassa a curta duração – acontecimentos imediatos – rompe, ainda, com as conjunturas – fatos temporais – para adentrar as estruturas do processo de civilização; a longa duração. Em outras palavras, mais do que uma história feita por heróis, ou ainda, mais do que uma história constituída de fatos em progresso, Bloch (2001) buscou vislumbrar a ciência historiográfica como possibilidade de entender a estrutura de diferentes civilizações no tempo.

O conceito historiográfico de Bloch (2001) é chamado de Nova História. Esta é a mudança em prerrogativas do estudo historiográfico até então, pois, Bloch (2001) e Lucien Febvre almejaram uma história que fosse além de um olhar político e de, puramente, uma narrativa de acontecimentos, necessitavam de uma história reflexiva diante das atividades humanas com uma colaboração interdisciplinar.

A Escola Annales surgiu na França em 1929 a partir da fundação da revista Annales de História Econômica e Social”.

No decorrer do livro, Bloch (2001) reflete sobre o conceito de história e considera absurda¹¹ a ideia de que a história tenha, como ciência, o passado como objeto de conhecimento: a história não é a ciência do passado. Para ele, a história tem por objeto de conhecimento a natureza do homem, ela é a ciência das sociedades humanas, tão logo, a ciência dos homens no tempo.

Esse debate permite-nos rememorar a leitura de Maurice Halbwachs (1990) sobre a memória coletiva, quando discorre que, por trás de um cenário, um homem sozinho encontra-se com a construção de um arquiteto, a obra de um pintor ou até a inspiração de um romancista artista, compreendemos que o nosso presente liga-se e consolida-se com aquilo que foi construído no passado. Sobre isso, Bloch (2001, p. 54, grifos nossos), em um trecho, exemplifica que “[...] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente desligadas daqueles que as criaram, **são os homens que a história quer capturar.**”.

Aqui, remetemo-nos na história como construção coletiva, fazendo parte de uma memória social e significativa para os sujeitos. Bloch (2001, p. 132, grifos do autor) observa a relação do homem com sua omnilateralidade na citação a seguir

Ora, *homo religiosus, homo economicus, homo politicus*, toda essa ladainha de homens em *us*, cuja lista poderíamos estender à vontade, evitemos tomá-los por outra coisa do que na verdade são: fantasmas cômodos, com a condição de não se tornarem um estorvo. O único ser de carne e osso é o homem, sem mais, que reúne ao mesmo tempo tudo isso.

Essa citação englobou a metodologia do nosso trabalho, pois, configuramos o cenário das obras estudadas e analisamos olhando para o homem e seu processo intelectual sem fragmentá-lo diante da sua formação. Concluímos esta introdução com a última frase de Bloch (2001, p. 159): “Resumindo tudo, as causas, em história como em outros domínios não são postuladas. São buscadas.”. Justifica-se, então, a necessidade de pesquisas historiográficas.

Assim, na sequência deste artigo, mostraremos o desenvolvimento da nossa pesquisa a partir das obras *Didascalicon: sobre a arte de ler* (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2018) e de *O Trivium* (JOSEPH, 2008), além das relações com Pieper (2014)

¹¹ Nas palavras do autor: “[...] a própria ideia de que o passado, enquanto tal, possa ser objeto de ciência é **absurda.**” (BLOCH, 2001, p. 52, grifos nossos).

e Arendt (2016), nos resultados obtidos. Neste encadeamento, seguiremos para as considerações finais e referências.

HUGO DE SAINT-VICTOR: ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DA TRÍPLICE POTÊNCIA DA ALMA HUMANA

Como observado na introdução, estudamos a obra *Didascalicon: sobre a arte de ler* na edição datada de 2018 de Hugo de Saint-Victor, especificadamente, o conceito da formação da tríplice potência da alma humana.

A obra é subdivida em apresentação, prefácio, seis livros e o apêndice. Viana e Oliveira (2020) observam uma relação de equidade nestes seis livros: os três primeiros contemplam o âmbito racional – em uma didática para os estudos – ao tratar-se da compreensão acerca das Artes Liberais, das divisões da Filosofia e do método para estudar, já os três últimos expõem a esfera religiosa – como ler, estudar e interpretar as Sagradas Escrituras. Enfatizamos que, no período em voga, a preocupação dos homens era com sua salvação espiritual.

Neste sentido, o conceito da tríplice capacidade da alma humana é visto nos três primeiros livros da obra de Hugo de Saint-Victor (2018). Logo nas primeiras páginas, Hugo de Saint-Victor (*Didascalicon...*, L. I, c. 3, § 1)¹² ressalta que “A Sabedoria ilumina o homem para que ele conheça a si mesmo, ele que, quando não compreende sua verdadeira natureza, se rebaixa ao mesmo nível das outras criaturas, não percebendo sua superioridade em relação a elas”.

Em outras palavras, Hugo de Saint-Victor (2018) explica aos estudantes que a natureza humana tem uma superioridade em relação aos demais seres vivos existentes, todavia, este reconhecimento advém mediante ao conhecimento – Sabedoria – porque não é genuíno esse entendimento ao nascer, mas, transforma-se, para além de potências, a partir do esforço da investigação e do estudo.

Partindo do pressuposto de que o homem tem a capacidade do conhecimento foi que aprofundamos o estudo ao qual Hugo de Saint-Victor (2018) se dedicou: o conceito da constituição da tríplice potência da alma humana que é formada pela integração de três potências. Sequencialmente, o autor disserta que a primeira

¹² As obras da Antiguidade e do Medievo não seguem os padrões de citação explicitados pela ABNT, neste sentido, ao trazermos uma citação direta da obra utilizaremos os recursos de localização, para o leitor, de acordo com a tradição.

capacidade proporciona “[...] a criação, nutrição e desenvolvimento dos corpos, sem oferecer nenhum discernimento dos sentidos ou da razão. Essa é a potência das ervas e das árvores, e de tudo que está afixado à terra desde a raiz.” (HUGO DE SAINT-VICTOR, *Didascalicon...*, L. I, c. 3, § 2). Em face disso, compreendemos que a primeira corresponde ao ciclo biológico de vida – nascimento, crescimento, nutrição e sobrevivência.

A segunda potência incorpora os elementos da primeira e soma, ainda, os sentimentos sensoriais. Segundo Hugo de Saint-Victor (2018), neste segundo momento é possível a capacitação sensível da realidade presente. Como exemplo, o autor cita os animais e explica que ao reter imagens e sensações pelos cinco sentidos¹³, não se tem um conhecimento sobre o passado e nem uma capacidade de compreensão do futuro, mas, se incorpora a primeira potência e avança na percepção da realidade presente.

A terceira potência da alma humana é descrita por Hugo de Saint-Victor (*Didascalicon...*, L. I, c. 3, § 5, grifos nossos) da seguinte forma:

Mas a terceira potência da alma, que traz consigo as duas anteriores, a do crescimento corporal e a dos sentidos, servindo-se delas como escravos obedientes, está **inteiramente constituída de razão** e realiza-se ou na dedução sólida das coisas presentes ou na intelecção das ausentes, ou na procura das desconhecidas. **Ela somente está à disposição do gênero humano**, e não só capta as sensações e imagens perfeitas e ordenadas, mas também, por um ato pleno de inteligência explica e confirma o que a imaginação lhe apresentou.

Diante da constituição da tríplice potência da alma humana, depreendemos que é dado ao gênero humano, a capacidade intelectual de sua realidade. Essa faculdade permite a formulação de imagens mentais, a abstração de conceitos, a investigação de coisas ausentes que extrapolam o campo visual momentâneas e a capacidade de armazenamento de ideias. Ademais, tem-se as faculdades memoriais, além da atenção voluntária em esforços nos estudos, a capacidade de imaginação de hipóteses sobre diversos temas e a capacidade de comunicação, a linguagem.

Estes desdobramentos relacionados a capacidade intelectual humana, em Hugo de Saint-Victor (2018) são vistos como quatro movimentos da inteligência: o primeiro é a investigação, se a coisa em questão realmente existe – se existe, o segundo movimento é entender o que é; por terceiro, como cada coisa é e, por fim,

¹³ Os cinco sentidos sensoriais referidos são: audição, visão, paladar, olfato e tato.

entende-se os motivos de ser assim. Este movimento da inteligência está relacionado a capacidade de aquisição de conhecimentos, Perin e Santiago (2016) lembram que Hugo de Saint-Victor preza pelo afincamento nos estudos que envolve meditação, disciplina e leitura.

Com efeito, ao possuir essa capacidade superior é o gênero humano que se tem a capacidade de filosofar: porque pela busca da Sabedoria a partir da Filosofia é que o homem pode conhecer a si mesmo, sua natureza e o universo que o rodeia, para além de sua vontade material e instintiva. Hugo de Saint Victor (*Didascalicon...*, L. I, c. 4, § 2) exemplifica que a natureza dos animais brutos é “[...] propagada somente as paixões dos sentidos segundo suas inclinações e não utiliza o discernimento da inteligência ao seguir um apetite [...] e sim é impelida pelo desejo da carne”. Diante disso, compreendemos que a natureza humana é aperfeiçoada pelo conhecimento e pelo desenvolvimento de virtudes para e pelo processo civilizatório. E, neste sentido, pelo processo civilizatório, a inteligência humana trabalha na investigação da verdade e na consideração da moral.

Sobre a capacidade racional humana, Hugo de Saint-Victor (*Didascalicon...*, L. I, c. 9, § 2) demonstra uma explicação diante da natureza, já que, segundo o autor “[...] cada animal possuindo desde o nascimento as próprias armas para defender sua natureza, somente o homem nascendo desarmado e nu.”, é justo, então, que tenha formas intelectivas para se desenvolver diante da natureza que o envolve.

É, pois, seguindo esse caminho que investigamos o conceito da tríplice potência da alma humana, em Hugo de Saint-Victor (2018). É ela que permite princípios de civilidade e possibilita ao homem superar as características primitivas de seu ser, as suas paixões e instintos. Viana (2019, p. 93) expressa que “[...] o ser humano precisa buscar o conhecimento da verdade e o exercício da virtude, para, assim, adquirir uma formação íntegra que lhe permita restaurar-se, livrando-se das adversidades e das paixões”. Deste modo, elucidamos a fulcralidade do conhecimento no processo da formação da terceira potência da alma humana: propiciar o desenvolvimento espiritual e intelectual na vida dos homens.

O conhecimento, para Hugo de Saint-Victor (2018), insere-se em uma proposta educacional que visa a formação humana para o processo civilizatório de toda sociedade. Neste sentido, Viana (2019) reflete que Hugo de Saint-Victor propõe um

caminho que seja teórico, prático e didático, dentro da obra estudada, para que o homem alcance essa formação e busque exercícios da inteligência e da imaginação.

Sayers¹⁴ (2019, p. 28) expressa que na educação clássica o esforço do intelecto humano precisa ser para que “[...] tanto educador quanto os alunos devem estar preparados para detectar a falácia, o raciocínio descuidado, a ambiguidade, a irrelevância, e a redundância, e lançar-se sobre eles, como ratos.”. Em outras palavras, ao olharmos para a obra de Hugo de Saint-Victor e vislumbrarmos um “manual de estudos” ou um “*ratio studiorum*”, conforme o define Verger (2001), precisamos considerá-la como um caminho para a formação intelectual e humana dos sujeitos, face aos problemas vigentes no mundo.

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: ESTUDO SOBRE AS ARTES LIBERAIS DO *TRIVIUM*

As Artes Liberais, já definidas neste artigo, são sete: a Gramática, a Retórica, a Dialética – ou a Lógica – que são as artes estudadas nesta pesquisa, pois, pertencem ao *Trivium*. Já o *Quadrivium* é composto pela Aritmética, Geometria, Música e pela Astronomia.

As artes liberais são definidas no prólogo do livro *O Trivium* (JOSEPH, 2008) como o corpo didático escolar originado no século II na Alexandria. Em entendimento, atualmente, verificamos que as setes artes liberais compuseram o currículo do ensino durante a Idade Média e, especialmente, no tempo que entrelaça a vida do autor referenciado Hugo de Saint-Victor, no decorrer do século XII.

Ainda no prólogo, compreendemos que o objetivo do estudo das setes artes liberais era dar ao jovem uma base ou uma medida, de todas as coisas – dos conhecimentos fulcrais para a vida em sociedade. Destacamos que a vida escolar iniciava aos quatorze anos e que primeiro era vista as artes do *trivium* – um desafio a mente – e, depois, o estudante medieval avançava para os estudos da matéria encontradas no *quadrivium*.

Joseph (2008, p. 27, grifos do autor) ao definir as artes liberais escreve que: “As artes liberais denotam os sete ramos do conhecimento que iniciam o jovem numa

¹⁴ Dorothy Sayers (1893-1957) foi uma escritora inglesa e uma estudiosa das letras clássicas e modernas. A referência utilizada neste trabalho é do livro *As Ferramentas Perdidas na Aprendizagem* – uma tradução do seu discurso em 1947 na Universidade de Oxford.

vida de aprendizagem. O conceito é do período clássico, mas a expressão e a divisão das artes em *trivium* e *quadrivium* datam da Idade Média”. Diante dessa explicação, a autora expõe o objeto de investigação de cada arte. Neste sentido, sobre as artes do *quadrivium*: a aritmética é a teoria do número e a música sua aplicação, já a geometria remete-se a teoria do espaço e a astronomia a aplicação dela. Tratando-se das artes do *trivium* a lógica é a arte do pensar, já a gramática do inventar e comunicar símbolos e, por fim, a retórica que é a arte de se comunicar.

Observamos, assim, que as artes liberais da mente também se relacionam entre si na realidade humana. Joseph (2008) define que a retórica comunica as coisas materiais e as ideias para a realidade e pode usar da lógica – que investiga o que realmente é – e, também, da gramática que simboliza a definição encontrada das diferentes coisas e ideias.

Sayers (2019) explica que o esquema medieval de educação traz, no *trivium*, não simplesmente matérias, mas métodos para lidar com as matérias. Assim, “O propósito total do Trivium era, de fato, ensinar ao aluno o uso correto das ferramentas do aprender antes mesmo que começasse a aplica-las às ‘matérias’”. (SAYERS, 2019, p. 14). Dessa maneira, o domínio do *trivium* elaborava agilidades na inteligência humana diante de interrogações, falácias, silogismos e conotações ambíguas e mutáveis.

Ainda que com definições distintas e relações intrínsecas, Joseph (2008) discute a concepção de que as artes liberais da mente expressam a natureza e a função da linguagem. Neste quesito, é basilar o entendimento de que, na vida humana, a linguagem é uma comunicação simbólica, seja oralmente ou em uma representação gráfica da ideia, definição ou matéria a ser posta para a sociedade, pois, exige habilidades cognitivas.

Destarte, é preciso a clareza na oração de Joseph (2008, p. 42) que explica “A forma (alma) da linguagem é o significado”. Em outras palavras, a comunicação e as definições, para o homem, têm um papel demarcado socialmente que não é vazio como gemidos aleatórios, por exemplo, como um latido ou um miar, todavia, ecoam no processo de pensamentos individuais e coletivos dentro da humanidade com um significado racionalmente entendível.

Assimilando a função da linguagem de forma geral, depreendemos, particularmente, a função de cada arte explicitada por Joseph (2008). A lógica lida

com funções do intelecto, por este ângulo, ela não lida com emoções, mas sim, com a produção de conceitos ou com o que a autora chama de cognição superior/ racional. Segundo Filloux (2010, p. 90) “O que importava ensinar, pois, não era o de que são feitos esses estados muito gerais da alma humana, mas sim a arte de realizá-los, de traduzir em palavras suas variações e nuances”. Assim, a lógica ocupa-se das habilidades de raciocínio, a fim de que os homens, com este estudo, pudessem reconhecer as sentenças ilógicas e buscassem o caminho da verdade – Sabedoria.

Outra arte liberal do *trivium* é a gramática que segundo Joseph (2008, p. 72, grifos nossos) “A lógica pode funcionar sem a retórica ou a poesia, mas estas são rasas sem a lógica. **A gramática é requisito de todas.**”. A gramática abarca os nexos entre as ideias, palavras e realidade, outrossim, expressa a concordância das diferentes categorias de palavras para que a escrita – ou a fala – tenha coesão e coerência e a comunicação aconteça. Peinado (2012, p. 07) ao estudar Agostinho de Hipona e o ensino do *trivium* e do *quadrivium* analisa que

Na medida em que a linguagem estabelece a comunicação entre as pessoas, ele considerava que o conhecimento dos signos constituía-se em elemento potencial de aprendizagem. Da mesma forma que a palavra que se profere pode ser percebida pelo ouvido, a palavra escrita apresenta-se como um sinal para os olhos, despertando na mente o que se percebe com os ouvidos.

Ilustramos que o domínio da arte da gramática, como diz a autora, desperta as funções mentais e intelectuais daquele signo escrito ou proferido. Diante dessa importância, Joseph (2008) dedicou-se em *O Trivium* para minuciar os aspectos gramaticais das palavras e frases. Hugo de Saint-Victor (*Didascalicon...*, L. II, c. 29, § 1), ao definir as artes do *trivium*, expressou tal divisão da gramática da seguinte forma: “[...] nome (substantivo), verbo, participio, pronome, advérbio, preposição, conjunção, interjeição, palavra articulada, letra, sílaba, pé (métrica), acentos, pontuação, sinais gráficos, ortografia [...]”, entre outros.

A retórica é a arte da oratória, Hugo de Saint-Victor (2018) observa que é utilizada para a persuasão, porque se trata de como as coisas são comunicadas. Assim, Peinado (2012) observa que os recursos da linguagem – como metáforas, comparações, análises de falácias e silogismos, diálogos e alegorias – permitem a articulação entre conhecimentos científicos e divinos.

Sayers (2019, p. 14) afirma que, pela retórica, o estudante “[...] aprendia a expressar-se no idioma – como dizer o que precisava dizer de forma elegante e persuasiva”. Nesta perspectiva, percebemos que é pelo domínio da arte da retórica que os sujeitos conseguem utilizar os recursos da linguagem para convencer a si mesmo e a sociedade da Sabedoria, expressa no medievo pela verdade divina.

Estes estudos são consolidados na filosofia perene, em consonância com Joseph (2008, p. 265)

A filosofia perene sustenta que símbolos como os do silogismo, da oposição, da obversão e da conversão representam um grau de abstração mais elevado e relações mais claras que o que podem somente as palavras e que, portanto, representam um conhecimento mais avançado; tais símbolos são confiáveis exatamente porque representam palavras que de fato correspondem a ideias e coisas. Esses símbolos indicam o caminho para uma lógica simbólica mais completa, que preserva as verdades básicas da filosofia perene, em particular o seu saudável respeito pelo conhecimento intelectual derivado por abstração a partir do conhecimento sensível.

Outrossim, o *trivium* como parte do sistema de ensino medieval cultivou a função de esclarecimentos dos diferentes aspectos da linguagem e permitiu a formação do pensamento pelo desafio da mente, do raciocínio e das ferramentas da escrita e da fala nas vivências em sociedades e no estudo. (PEINADO; 2012).

RELAÇÕES ENTRE AS ARTES LIBERAIS DO TRIVIUM E A TERCEIRA POTÊNCIA DA ALMA HUMANA DE HUGO DE SAINT-VICTOR: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Aqui retomamos a pergunta norteadora desta pesquisa: Quais as relações entre as Artes Liberais do *Trivium* (Lógica, Gramática e Retórica) com a formação da terceira potência da alma humana explicada por Hugo de Saint-Victor? Ao expressarmos as relações entre os dois conceitos basilares deste trabalho – as artes liberais do *trivium* e a terceira potência da alma humana – consideramos que se trata da concepção de duas “chaves” para a educação: o desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Ambos – linguagem e pensamento – são abordados por diversos autores e variadas teorias educacionais, a fim de explicar o processo de aquisição do conhecimento pelo homem.

Nosso estudo, alicerçado em Hugo de Saint-Victor (2018), almejou o entendimento destes desenvolvimentos a partir do século XII na célula primitiva¹⁵ do sistema de ensino – o qual temos hoje. Hugo de Saint-Victor (2018) buscou instruir os homens de modo que eles alcancem a Sapiência – a sabedoria divina – conforme Viana (2019), um espelho da tradição do saber. Este saber é alcançado por meio do estudo, da meditação, do silêncio, do esforço, da quietude, da humildade e entre outros fatores que culminam na formação humana, ou melhor, na formação da tríplice potência da alma humana.

Destarte, como vimos, o *trivium* e o *quadrivium* compuseram a educação basilar medieval, para Hugo de Saint-Victor (2018) essa composição é como uma via pela qual a alma humana penetra na Sabedoria. Deste modo, o autor expõe que as sete artes liberais permitiam uma formação primordial nos estudos que

[...] alguns estudavam estas artes com tanto empenho que as tinham todas bem claras na memória, de modo que, independentemente dos textos que tivessem em mãos ou das questões que lhes fossem propostas para serem resolvidas ou comprovadas, eles não precisavam buscar nos livros os princípios e regras para chegarem à conclusão do que estava em discussão; na verdade, a partir das setes artes liberais eles tinham já preparadas em seu íntimo as soluções para cada caso. (*Didascalicon...*, L. III, c. 3, § 2).

Nesta citação, verificamos que as sete artes liberais permitiram uma formação que assegurasse a terceira potência da alma humana, já que dimensionava soluções, abstrações, conceitos, memorização e outras faculdades mentais que permeiam os sujeitos. Como Joseph (2008) reflete as artes liberais, particularmente, do *trivium*, despertam as pessoas para além do ambiente material, mas, consolidam a busca pelo aperfeiçoamento da vida intelectual.

De fato, “Ainda que possam ser repetidos, os gritos dos animais nunca podem ser unidos de modo a formar frases; são sempre meras interjeições [...]” (JOSEPH, 2008, p. 37). O ser humano supera a emissão de gritos e gemidos do reino animal para valorizar a exclusividade da sua espécie em realizar uma comunicação simbólica e significativa seja verbalmente ou pelas redações, melhor, o ser humano supera a segunda potência dos animais que é a dos sentidos, a partir do desenvolvimento da linguagem e do pensamento.

¹⁵ Durkheim (1982).

Os itens da comunicação simbólica e dos raciocínios inteligíveis permeiam a existência humana em sua capacidade – também exclusiva de sua natureza – de filosofar e de se relacionar; princípios que estudamos no livro *Que é filosofar?* de Josef Pieper (2014).

Pieper (2014) ao escrever que o mundo é um campo de relação também pondera a superioridade do ser humano para este espaço de vinculações. Assim, o autor, dentro de outro contexto de escrita, expõe seu estudo que rememora a tríplice potência da alma humana de Hugo de Saint-Victor (2018). Nas palavras de Pieper (2014, p. 25)

O primeiro ponto, portanto, é: mundo significa campo de relação. Possuir um mundo significa: ser centro e suporte de um campo de relação. O segundo, porém, é: quanto mais alto o lugar do ser-interior, ou seja, quanto mais extensa e abrangente for uma capacidade de relação, tanto mais amplo e elevado será o campo de relação submetido a esse ser. [...]. O mundo mais inferior é o das plantas, que em sua dimensão espacial não vai além da proximidade de contato.

Neste raciocínio, Pieper (2014) analisa que ao olharmos a capacidade de percepção dos animais consideramos uma novidade em relação ao mundo vegetal. Assim, quando olhamos a capacidade de conhecimento humano, precisamos entendê-la como constituinte e totalizante do próprio homem. Essa especificidade faz seu campo de relação ser mais abrangente do que dos outros mundos dos demais seres vivos.

A esta diferença do campo de relações no mundo, Pieper (2014, p. 32) denomina de “graus de mundos” e explica que como o espírito é capaz de alcançar a essência das coisas é dado a ele também a possibilidade de apreender a sua totalidade. Destarte, pelo desenvolvimento deste pensamento racional humano que advém, de forma interdependente, pelo processo da linguagem o campo de relações humanas é, hierarquicamente, mais extenso. Então, propiciando ao espírito humano a capacidade de alcançar a essência das coisas é que o homem tem a capacidade de filosofar.

Filosofar, para Pieper (2014, p. 42), é a capacidade de admiração do ser humano: “Mas é exatamente isso que caracteriza quem se admira: para ele, para o homem surpreendido pela face profunda do mundo, os fins imediatos da vida silenciam, pelo menos quando olha surpreendido para a face admirável do mundo”. Em outras palavras, o filosofar é redirecionar o olhar para além do pragmatismo da

vida do mundo de trabalho para as diversas possibilidades da natureza em geral, bem como, da natureza humana e, assim, admirar-se. Lauand (2012) observa que não se trata de afastar-se das questões cotidianas, mas, sim, de rever interpretações e valores corriqueiros.

À vista disso, o homem ao ouvir um novo conhecimento, este é “[...] apreendido, pensado, refletido, aceito, rejeitado, admitido com restrições, introduzido no próprio tecido de pensamentos.” (JOSEPH, 2014, p. 37). Faz parte da natureza humana, em suas consequências do desenvolvimento da linguagem, ter anseio ativo pelo saber; pelo conhecimento.

Destarte, entre as relações estabelecidas pelo conceito de tríplice potência da alma humana de Hugo de Saint-Victor (2018) e das artes de O Trivium (JOSEPH, 2008) um encadeamento é de que permite o homem a um alcance ativo na busca pelo conhecimento, neste sentido, tem-se a educação explicitamente tratada.

Sobre a formação humana estudada desde o Medievo até os tempos contemporâneos, Arendt (2016, p. 222), na obra *Entre o Passado e o Futuro*, analisa a crise da educação, especialmente, na América no século XX e expõe que há questões enigmáticas que envolvem tal crise como o fracasso escolar de “[...] saber por que o Joãozinho não sabe ler.”. Assim, Arendt (2016) reflete sobre as questões geográficas como os movimentos migratórios, questões históricas como o tempo de colonização e de escravidão na América e também aponta ideias basilares sobre a crise educacional que emergem na autoridade, na formação docente e nas formas de se relacionar com as crianças.

Refletimos com Arendt (2016, p. 232, grifos nossos) sobre o currículo e o processo de aprendizagem que permeiam a crise na educação

A intenção consciente não era a de ensinar conhecimentos, mas sim de inculcar uma habilidade, e o resultado foi uma espécie de transformação de instituições de ensino em instituições vocacionais que tiveram tanto êxito em ensinar a dirigir um automóvel ou a utilizar uma máquina de escrever, ou, o que é mais importante para a ‘arte’ do viver, como ter êxito com outras pessoas e ser popular, quanto **foram incapazes de fazer com que a criança adquirisse os pré-requisitos normais de um currículo padrão.**

Com essa citação, visualizamos uma espécie de contradição com a solidificação do ensino das artes liberais afirmado por Hugo de Saint-Victor (2018) em

citação anterior neste artigo¹⁶, porque os conceitos basilares de diferentes ramificações do conhecimento eram aprendidos com o *trivium* e o *quadrivium* e, contemporaneamente¹⁷, como estudado em Arendt (2016), inferimos que há uma ausência de um currículo padrão que coloca em crise o processo de formação humana e o desenvolvimento da linguagem e do pensamento.

Diante disso, Arendt (2016) também expõe outra causa para a crise educacional que está estritamente ligada as artes da linguagem do *trivium*: o aprender brincando que ignora o processo de estudo do ensino e da aprendizagem. “A íntima conexão entre essas duas coisas – a substituição da aprendizagem pelo fazer e do trabalho pelo brincar – pode ser ilustrada diretamente pelo ensino de línguas: a criança deve aprender falando, isto é, fazendo, e não pelo estudo da gramática e da sintaxe [...]” (ARENDR, 2016, p. 232).

Destarte, não se trata de ignorar as especificidades da criança e a necessidade do brincar em sua tenra idade, mas, de rememorar a necessidade do estudo, da disciplina e da concentração em prol da verdadeira autonomia intelectual que permitirá, em sua formação, o desenvolvimento das singularidades linguísticas e do pensamento racional. Em face disso, Arendt (2016) observa que somente o “brincar” impede a criança de uma das combinações do seu mundo de relações, conceito estudado em Pieper (2014), que é a relação do mundo dos adultos com o mundo das crianças. Neste sentido, a criança perde a troca entre gerações, a construção do saber, e o ato de filosofar é levado em crise porque não atende ao pragmatismo – o qual foi inserido no sistema de educação.

Retomamos a ideia de Pieper (2014) que disserta sobre a capacidade humana de admirar-se para além do pragmatismo e o impacto para os desdobramentos filosóficos e para as relações sociais. Depreendemos que uma educação pragmática forjada somente no “mundo da crianças” impede essa ampliação de um olhar não

¹⁶ “[...] alguns estudavam estas artes com tanto empenho que as tinham todas bem claras na memória, de modo que, independentemente dos textos que tivessem em mãos ou das questões que lhes fossem propostas para serem resolvidas ou comprovadas, eles não precisavam buscar nos livros os princípios e regras para chegarem à conclusão do que estava em discussão; na verdade, a partir das setes artes liberais eles tinham já preparadas em seu íntimo as soluções para cada caso.” (*Didascalicon...*, L. III, c. 3, § 2).

¹⁷ Ressaltamos que não se trata de uma defesa ao retorno do *trivium* e do *quadrivium* para as escolas na atualidade, mas, um argumento a ser considerado sobre a necessidade de um currículo fundamental para o desenvolvimento da tríplice potência da alma humana conexo com o progresso da linguagem.

cotidiano, conforme vimos em Lauand (2012), para abarcar o conjunto de conhecimentos já existentes na humanidade e a criação de novos, porque fragmenta o processo de ensino e aprendizagem das vertentes da linguagem e, conseqüentemente, interfere no desenvolvimento da terceira potência da alma humana.

Em continuidade, pensar quais são relações entre as Artes Liberais do *Trivium* (Lógica, Gramática e Retórica) com a formação da terceira potência da alma humana explicada por Hugo de Saint-Victor (2018) é pensar na educação na medida em que nosso objeto de estudo é a formação humana. Sabemos que quando pensamos na crise da educação, em conformidade com Arendt (2016), uma síntese expressa é de que os estudantes “[...] não sabem o que as palavras significam; eles não sabem como evitá-las ou minimizar seu impacto ou lançá-las de volta; eles são reféns das palavras em suas emoções, em vez de serem mestres delas em seu intelecto.” (SAYERS, 2019, p. 17).

Neste sentido, as análises feitas entre *O Trivium* (JOSEPH, 2008) e a terceira potência da alma humana explicada por Hugo de Saint-Victor (2018) permitem uma via de estudo e de entendimento que se distanciam dos problemas que colocam em crise a educação, pois, há a valorização do desenvolvimento da linguagem – expresso nas artes do *trivium* – acompanhada do reconhecimento da necessidade de potencializar o uso da razão; o pensamento racional – a terceira potência da alma humana, (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2018). Nesta ocasião, há a preocupação da formação do homem medieval com liberdade intelectual e autonomia no ato de filosofar. Em face disso, Joseph (2008, p. 73) reflete

Não obstante, o conhecimento formal da gramática, da retórica e da lógica (conhecimento explícito) é também valioso, pois nos permite saber por que certos raciocínios e expressões estão corretos ou são eficazes, enquanto outros, exatamente o oposto; ademais, esse conhecimento explícito nos permite aplicar as regras à fala, à escrita, à audição e à leitura.

Então, a linguagem, em suas diferentes manifestações na vida humana, impacta na formação de um pensamento crítico, consciente, ativo e autônomo. Em outras palavras, permite ao ser humano entender a realidade que o cerca – admirar-se, como refletiu Pieper (2014) – e, então, desenvolver sua opinião, seu campo de

relações com a sociedade, sua participação autônoma e ativa no processo de civilização e de construção da humanidade.

Considerações finais

O encadeamento da pergunta norteadora da nossa pesquisa, nos permite entender que essa relação reflete na formação humana, ou seja, explicitamente no conceito de educação, no desenvolvimento da linguagem e do pensamento e na capacidade humana de entender o mundo de relações que nos abrange e, assim, filosofar.

A relação explícita com a formação do sujeito e com a concepção de educação que prezamos, para o processo de ensino e aprendizagem, proporciona-nos a análise deste tema na formação inicial de professores. É um norteamento de pesquisa que, por vezes, é negligenciado, mas, é de suma importância, visto o embasamento histórico para dirigir diferentes práticas pedagógicas.

Ao concluir esta escrita, surgem questionamentos como: Como eu, docente, olho para meu aluno? É um olhar que proporciona a ele autonomia intelectual e desenvolvimento integral? As atividades que planejo depreendem um caminho de estudo virtuoso para o alcance da sabedoria? Ou ainda, como professor, tenho me dedicado com disciplina, quietude, humilde e outras virtudes aos estudos para o meu próprio aprimoramento intelectual? O processo de alfabetização, que lido, tem permitido o domínio de todas as vertentes da linguagem para o desenvolvimento, simultâneo, do pensamento?

Questionamentos como estes demonstram como a pesquisa historiográfica na educação tem contribuições explícitas na realidade educacional e no ser docente em tempos contemporâneos. E, há também contribuições implícitas, na medida em que permite reflexões particulares sobre o desenvolvimento dos discentes, sobre os avanços e retrocessos da educação e permite a sede de novos conhecimentos, a partir da leitura de novas referências.

Finalizamos nossas análises com uma citação de Joseph (2008, p. 263) “Qual o lugar da filosofia no campo do conhecimento? [...] A filosofia representa a maior unidade e simplicidade que a razão humana desamparada pode atingir.” A filosofia permite-nos ir além dos instintos animais, mas, concomitante, ao desenvolvimento da

linguagem e do pensamento, instiga-nos a alcançar novos patamares de conhecimento.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 8. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O Ofício do Historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOVETO, Lais; OLIVEIRA, Terezinha. O conhecimento histórico e a formação de hábitos do professor. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XII. **Anais do XII Congresso Nacional de Educação**. Curitiba (PR), 2015. p. 29910-29921. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21554_11311.pdf>. Acesso em: dez. 2021.

CAMPANHARI, Roger. Apresentação. *In*: HUGO DE SAINT-VICTOR. **Didascalicon**: sobre a arte de ler. Campinas (SP): Kírión, 2018. p. 11-17.

DURKHEIM, David Émile. A evolução pedagógica em França. *In*: DURKHEIM, David Émile. **História da Educação e das Doutrinas Pedagógicas**. Tradução de Isabel Pereira. Madri (Espanha): Editorial La Piqueta, 1982. p. 171-194.

FILLOUX, Jean-Claude. **Émile Durkheim**. Tradução de Celso do Prado Ferraz de Carvalho e Miguel Henrique Russo. Recife (PE): Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? *In*: GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 31-41.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. *In*: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. p. 25-52.

HENNING, Leoni Maria Padilha. Pesquisa Filosófica: Especificidades e Contribuições ao Campo Educacional. *In*: BRZEZINSKI, Iria; ABBUD, Maria Luiza Macedo; OLIVEIRA, Cláudia Chueire de. (Orgs.). **Percursos de Pesquisa em Educação**. Ijuí (RS): Ed. Ijuí, 2007. p. 19-31.

HUGO DE SAINT-VICTOR. **Didascalicon**: sobre a arte de ler. Tradução de Roger Campanhari. Campinas (SP): Kíron, 2018.

JOSEPH, Irmã Miriam. **O Trivium**: as Artes Lliberais da Lógica, Gramática e Retórica. Tradução e Adaptação de Henrique Paul Dmyterko. São Paulo: É Realizações, 2008.

LAUAND, Jean Luiz. Abalo filosófico e afins. Por uma Pedagogia da Admiração. **International Studies on Law and Education**, CEMOrOC – FEUSP/IJI – Universidade do Porto, jan./abr., 2012.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Tradução de Monica Stahel. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2016.

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e Banqueiros da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NASSER, José Monir. Prefácio. *In*: JOSEPH, Irmã Miriam. **O Trivium**: as Artes Lliberais da Lógica, Gramática e Retórica. Tradução e Adaptação de Henrique Paul Dmyterko. São Paulo: É Realizações, 2008. p. 13-18.

OLIVEIRA, Terezinha; MENDES, Claudio Magno Magre; SANTIN, Rafael Santin. Contribuições de Jacques Le Goff para a História da Educação Medieval: “Totalidade” e Longa Duração nos estudos sobre os intelectuais. **Revista Brathair**, São Luís (MA), v. 16, n. 2, p. 235-250, 2016.

PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. O ensino do Trivium e do Quadrivium, a linguagem e a história na proposta de educação agostiniana. **Imagens da Educação**, Maringá (PR), v. 2, n.1, p. 1-10, 2012.

PERIN, Conceição Solange Bution; SANTIAGO, Viviane Paes. Hugo de Saint-Victor: considerações de um clássico sobre questões educacionais. **Imagens da Educação**, Maringá, v. 6, n. 3, p. 107-116, 2016.

PIEPER, Josef. **Que é filosofar?** Tradução de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SAYERS, Dorothy. **As Ferramentas Perdidas da Aprendizagem**. Tradução de Cipriana Leme. São Paulo: Old School Editora, 2019.

VIANA, Ana Paula dos Santos; OLIVEIRA, Terezinha. Hugo de Saint-Victor: história, memória e ordenação nos estudos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, n. 223925, p. 1-17, 2020.

VIANA, Ana Paula dos Santos. **O projeto educacional de Hugo de Saint-Victor no século XII: sapiência e sacramento na formação e na restauração humana**. 2019. 228f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

VERGER, Jacques. **Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII**. Bauru (SP): EDUSC, 2001.